

**O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA MEMÓRIAS DO SUL DA BAHIA:
REPOSITÓRIOS VIRTUAIS E FONTES DIGITALIZADAS****THE MEMORIES OF SOUTH BAHIA DOCUMENTATION AND RESEARCH CENTER:
VIRTUAL REPOSITORIES AND DIGITALIZED SOURCES**

DOI 10.5281/zenodo.13856978

Tharles S. Silva¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar o Centro de Documentação e Pesquisa Memórias do Sul da Bahia, um repositório virtual de fontes digitais desenvolvido pelo Projeto Memórias do Sul da Bahia, do Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Sul da Bahia. A digitalização de acervos é uma tendência que vem ganhando força nas últimas décadas e é especialmente importante em regiões onde não existem instituições de salvaguarda da memória, como arquivos, bibliotecas, museus, entre outras. Parte-se do princípio de que a digitalização de acervos e a sua disponibilização em repositórios virtuais de livre acesso contribui para o desenvolvimento de pesquisas nas mais diversas áreas de conhecimento, porque facilita o acesso de pesquisadores às fontes que necessitam para o desenvolvimento de seus trabalhos. Nesse sentido, a digitalização de acervos pode ser entendida como uma iniciativa de democratização da memória que impulsiona o desenvolvimento científico. Ao apresentar o Centro de Documentação e Pesquisa Memórias do Sul da Bahia, espera-se que este trabalho contribua para que iniciativas semelhantes sejam desenvolvidas, especialmente, em locais que não existem instituições físicas de salvaguarda da memória.

Palavras-chave: Digitalização de Acervos. Fontes Digitalizadas. Repositórios Virtuais.

Abstract: This work aims to present the Memories of Southern Bahia Documentation and Research Center, a virtual repository of digital sources developed by the Memories of Southern Bahia Project of the Humanities and Social Sciences Training Center of the Federal University of Southern Bahia. The digitization of sources collections is a trend that has been gaining momentum in recent decades and is especially important in regions where there are no institutions for safeguarding memory, such as archives, libraries, museums, among others. It is assumed that digitizing sources collections and making them available in freely accessible virtual repositories contributes to the development of research in the most diverse areas of knowledge, because it facilitates researchers' access to the sources they need to develop their work. In this sense, the digitization of source collections can be seen as a memory democratization initiative that boosts scientific development. By presenting the Memories of Southern Bahia Documentation and Research Center, it is hoped that this work will contribute to similar initiatives being developed, especially in places where there are no physical institutions for safeguarding memory.

Keywords: Digitization of Source Collections. Digitized Sources. Virtual Repositories.

¹ Graduado em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Doutor em Estado e Sociedade pela Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). E-mail: tharlessilva@yahoo.com.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3080501166975791> Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9051-3085>

Introdução

Nas últimas décadas, uma série de projetos de digitalização de acervos tem sido executados. Arquivos, museus, bibliotecas e outros tipos de instituições de salvaguarda da memória de diversos locais do mundo estão digitalizando seus arquivos e disponibilizando-os em repositórios virtuais de livre acesso. Em Portugal pode-se citar o caso do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, que disponibiliza muitas fontes em formato digital no *site* da instituição². Nos Estados Unidos, o *Center for Research Libraries* também disponibiliza acervos digitalizados³. E, museus como o do Louvre, na França, permitem que internautas façam passeios virtuais por suas salas de exposições através do *site* da instituição⁴. Muitos outros exemplos podem ser citados.

No Brasil, essa tendência também tem ganhado força e o maior exemplo é a Biblioteca Nacional Digital (BNDigital). A BNDigital surgiu de um projeto de digitalização de coleções da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, iniciado em 2006. O *site* da BNDigital hospeda mais de três milhões de documentos, desde mapas, manuscritos, fotografias, até jornais e revistas de diferentes períodos e regiões do Brasil. Além disso, a BNDigital apresenta exposições virtuais e publicações científicas. É importante destacar que os acervos disponibilizados na BNDigital são de livre acesso e podem ser acessados por meio de ferramentas de busca fáceis de serem utilizadas⁵.

A digitalização de acervos pode ser compreendida como a vanguarda de um processo de conservação de fontes que se iniciou na segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento da microfilmagem de documentos. Como apontou Nei Antonio Nunes (*et al.*, 2017) a microfilmagem foi o resultado do amadurecimento da fotografia e, inicialmente, foi utilizada como ferramenta para conservação de registros empresariais. Como destacaram Eric Brasil e Fernando Nascimento, “a ciência sempre esteve na dianteira da utilização de diferentes tecnologias” (BRASIL; NASCIMENTO,

² Ver: <https://digitarq.arquivos.pt/>

³ Ver: <https://www.crl.edu/about/history>

⁴ Ver: <https://www.louvre.fr/visites-en-ligne/>

⁵ Os acervos da BNDigital podem ser consultados no site <https://bndigital.bn.gov.br/>.

2020, p. 199). Por isso, não tardou até que instituições arquivísticas começassem a fazer o mesmo com os acervos que conservavam.

De acordo com Nei Antonio Nunes,

Um arquivo microfilmado constitui-se em uma fonte de informações imediatas e de consulta fácil, por isso para muitas instituições a microfilmagem é de grande utilidade. A armazenagem dos documentos microfilmados economiza espaço físico, reduz o número de gabinetes de arquivo em uso ativo e diminui o espaço que se utilizará eventualmente para a armazenagem de material inativo. (NUNES *et al.*, p. 231)

Dessa forma, a microfilmagem representou um grande salto qualitativo na preservação e conservação de acervos dos mais variados tipos.

Entretanto, via de regra, a consulta aos acervos microfilmados precisava ser feita, e ainda precisa, em locais próprios para isso. Sobretudo, porque a leitura de fontes microfilmadas exige a utilização de maquinário específico. Além disso, a microfilmagem não é um procedimento fácil de ser feito, tampouco barato. Apesar disso, não se pode negar o avanço que essa tecnologia representou para a conservação de acervos.

De acordo com Juan Andrés Bresciano (2015), outro salto qualitativo na conservação de fontes ocorreu com o nascimento dos dispositivos computacionais para armazenamento de informações. Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as palavras escritas puderam ser conservadas em dispositivos que operam com base em um código binário de sinais elétricos positivos e negativos. Este sistema, que inicialmente codificava textos, logo passou a ser utilizado para o armazenamento de sons e imagens, dando origem ao documento multimidiático, que combina todos os meios possíveis de transmissão de informações (BRESCIANO, 2015, p. 22).

Foi nesse contexto que, no final dos anos 1960, surgiu, por exemplo, o *Diskete*, um dispositivo móvel de entrada e saída de dados, utilizado como recurso para a transferência de informações entre computadores. Nas décadas de 1980 e 1990, surgiram o CD-ROM (Compact Disc Read Only Memory) e o DVD (Digital Versatile Disc). Essas mídias desenvolvidas para computadores possibilitavam

não só o armazenamento de dados, mas a sua fácil distribuição e, por isso, foram utilizadas como ferramentas para a circulação de fontes, tanto por pesquisadores, quanto por instituições arquivísticas.

Um bom exemplo de como as instituições utilizaram esses novos recursos foi o Projeto Resgate Barão do Rio Branco de Documentação Colonial. A iniciativa começou a ser delineado em 1983, por meio de uma parceria firmada entre os governos do Brasil e de Portugal. Após décadas de trabalho de microfilmagem e armazenamento em CD-ROM, o projeto disponibilizou mais de meio milhão de documentos referentes ao Brasil do período anterior à Independência. As fontes digitalizadas no âmbito do Projeto Resgate estão conservadas em museus, arquivos e bibliotecas do Brasil, Portugal, Áustria, Espanha, Holanda, Bélgica, França e Estados Unidos. O projeto contou com a participação de diversas instituições, entre as quais a Universidade de Brasília (UNB), que disponibilizou os conjuntos de CD-ROMs com as fontes⁶.

Mais recentemente, a popularização da *internet* possibilitou o desenvolvimento de outra forma de conservação e acesso a acervos. Trata-se da hospedagem em repositórios virtuais. E, tal como ocorreu com as tecnologias anteriores, a utilização dos recursos da *internet* está impactando profundamente as formas de produção científica.

Sobretudo, devido à facilidade com a qual agra os pesquisadores conseguem construir grandes bancos de dados. Nos referiremos aqui, de modo especial, aos historiadores. No que tange ao campo da História, Juan Andrés Bresciano e Tiago Gil (2015), apontaram que a utilização de recursos da informática se estendeu para todas as áreas da produção historiográfica e geraram formas específicas de produzir e transmitir os conhecimentos sobre o passado. E é importante refletir sobre esse processo. De forma especial, para que se possa compreender as potencialidades e os limites dos usos desses recursos tecnológicos na produção científica. No caso específico deste trabalho, nas pesquisas no campo das humanidades.

⁶ O projeto foi financiado, inicialmente, pela Petrobras e desde 2015 pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Atualmente, o projeto está sob direção da Fundação Biblioteca Nacional e o acervo pode ser consultado online, no site <https://bndigital.bn.gov.br/>.

É dentro desse contexto que se apresenta a proposta deste trabalho.

Digitalização de acervos, fontes digitalizadas e repositórios virtuais

Nas últimas décadas, diversas instituições de salvaguarda da memória em todo o mundo, tais como museus, arquivos e bibliotecas, estão intensificando o processo de digitalização de seus acervos. Após serem digitalizados, os acervos são disponibilizados em repositórios virtuais, na *internet* e, quando de livre acesso, podem facilmente ser consultados por qualquer pessoa. Como destacou Maria da Cunha Thompson Flores,

A digitalização de documentos coloca-se como uma profícua possibilidade de difundir e facilitar o acesso, promover o intercâmbio entre acervos de diferentes instituições, bem como atuar na preservação de fontes já em avançado estado de deterioração (restringindo ao máximo a necessidade de que os originais sejam acessados) ou em casos de documentos selecionados para descarte (...). (FLORES, 2015, p. 246)

Nesse sentido, a digitalização de acervos se apresenta como uma iniciativa triplamente importante.

Primeiro, porque facilita o acesso às fontes que os historiadores necessitam para realizar seus estudos. Isso é especialmente importante em países muito grandes, como o Brasil, nos quais os pesquisadores que residem em áreas distantes dos grandes centros culturais possuem mais dificuldades para acessar os acervos. Conforme destacaram Pablo Folgueira Lombardero e Miguel Menéndez Méndez (2015, p. 162), o surgimento de fontes digitais, e mais concretamente da *internet*, permite acessar materiais que até há poucos anos éramos obrigados a percorrer muitos quilômetros para consultá-las.

Segundo, porque a digitalização potencializa a integração das coleções de diferentes instituições de salvaguarda da memória. Isso permite, entre outras coisas, que conjuntos de fontes separados em arquivos, museus e bibliotecas diferentes sejam reunidos, o que também contribui para facilitar o trabalho dos pesquisadores. Um exemplo disso foi o Projeto Resgate Barão do Rio Branco, mencionado anteriormente.

Terceiro, porque contribui para a preservação das versões originais das fontes. Por “versão original”, deve-se entender a fonte em seu formato primário. A digitalização de acervos, potencialmente, reduz a consulta às fontes físicas e, isso pode gerar uma economia dos recursos financeiros empregados na restauração de fontes.

Contudo, é importante alertar que a digitalização dos acervos e a sua disponibilização em repositórios virtuais na *internet* não pode resultar na redução ou extinção dos acervos físicos. Sobretudo, porque os ambientes virtuais são instáveis. A *internet* está sujeita a uma série de intempéries que podem ameaçar os repositórios virtuais. Os *sites* podem ser atacados por *hackers*. Podem, também, ser abandonados por falta de recursos e serem tirados do ar. Os servidores que hospedam repositórios podem ser destruídos. Além disso, os próprios satélites que possibilitam a construção da rede mundial de computadores podem ser afetados por intempéries que afetam diretamente a *internet* e tudo que a está ligado. Entre outras ameaças. Por isso, a conservação dos acervos físicos continua sendo necessária.

Tampouco devem ser encerradas as consultas às fontes físicas. Como apontou Heloísa Bellotto, “a documentação conservada nos arquivos, antes de ser um bem nacional, faz parte do Patrimônio cultural comum da humanidade” (BELLOTTO, 1991, p. 282). Como apontou o Conselho Nacional de Arquivos, “as ações de digitalização não devem ser realizadas em detrimento das ações de conservação convencional dos acervos custodiados por instituições arquivísticas, por serem inalienáveis e imprescritíveis” (CONARQ, 2010, p. 4).

Outra questão que deve ser destacada é que, embora a digitalização seja uma forma de conservação dos acervos, o próprio processo de digitalização pode ameaçar as fontes que visa preservar. As costuras de cadernos manuscritos e de livros podem ser destruídas no processo, as cores das tintas de uma fotografia ou de uma pintura podem esmaecer no processo, entre outras coisas. Por isso, a digitalização deve ser feita seguindo procedimentos rigorosos de preservação das estruturas e conteúdos das fontes digitalizadas.

Para além dessas questões, é importante destacar que a digitalização dos acervos não consiste, embora pareça algo simples, no sentido de que em essência se trata da realização de cópias de matrizes físicas, resulta em questões teóricas complexas. Como apontaram Eric Brasil e Leonardo Nascimento (2020), ao serem digitalizadas, as fontes de um acervo são dataficadas, ou seja, são transformadas em dados digitais e, dessa forma, são rematerializadas. Ainda conforme Eric Brasil e Leonardo Nascimento,

(...) a rematerialização envolve o desaparecimento parcial ou total de uma considerável gama de propriedades organolépticas (a cor, o brilho, a luz, o odor, a textura, a maciez, o som, o sabor etc.) que, de fato, podem ser determinantes na descrição de determinadas fontes históricas. (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 201)

Nesse sentido, a digitalização dos acervos das instituições de salvaguarda da memória pode impactar diretamente nos resultados das análises dos historiadores. Entretanto, ainda conforme os autores citado acima, embora muitas pesquisas historiográficas produzidas recentemente tenham utilizam fontes digitalizadas e recursos de pesquisas em ambientes virtuais, os historiadores têm dedicado pouco espaço em seus trabalhos para a realização de reflexões sobre essa nova realidade das pesquisas historiográficas (BRASIL; NASCIMENTO, 2020). Quais os impactos gerados sobre o trabalho dos historiadores pela digitalização dos acervos de arquivos e a utilização de fontes digitalizadas e ferramentas de pesquisa virtuais? Essa não é uma questão fácil de responder, porque envolve uma série de nuances do fazer historiográfico e das concepções teóricas dos historiadores.

A primeira delas se refere ao acesso às fontes. Conforme destacou Ana Ligia Medeiros (2017), o processo de digitalização de acervos, e sua disponibilização em repositórios virtuais na *internet*, democratizou o acesso a fontes que, anteriormente, só podiam ser consultados nas instalações físicas das instituições que as conservam. Essa situação era, e ainda é, um forte impeditivo para a realização de muitos trabalhos. Especialmente, para pesquisadores em etapas iniciais de formação que, muitas vezes,

não possuem recursos ou acesso aos financiamentos necessários para a realização de seus trabalhos.

Neste ponto, pedimos licença aos leitores para apresentar uma evidência anedótica. Nós mesmos enfrentamos dificuldades de acesso às fontes, ao longo de nosso processo de profissionalização. No primeiro momento, durante a execução de nossa pesquisa de mestrado e, mais recentemente, durante a do doutorado.

No primeiro momento, entre 2012 e 2014, analisamos o caso de uma tentativa de contrabando de pau-brasil realizada entre autoridades coloniais e um comerciante inglês, na comarca de Porto Seguro, em 1802. As fontes que necessitávamos consultar estão espalhadas entre arquivos nas cidades de Salvador e Rio de Janeiro, no Brasil, e em Lisboa, em Portugal. O que viabilizou o trabalho foi a digitalização realizada no âmbito do Projeto Resgate Barão do Rio Branco, mencionado anteriormente.

Durante o doutorado, entre 2018 e 2022, no qual investigamos as formas pelas quais a Segunda Guerra Mundial atingiu a região do Extremo Sul da Bahia, nos deparamos com uma situação semelhante. Uma porção substancial das fontes utilizadas no trabalho foram matérias impressas em jornais e revistas do período da guerra, leis, decretos, fotografias, dados estatísticos, entre outras. Grande parte delas estão digitalizadas e disponíveis para consulta em repositórios virtuais como a BNDigital, nas bibliotecas virtuais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, do Senado e do Ministério da Fazenda, entre outros repositórios.

Nos dois casos, a digitalização de acervos e a sua disponibilização em repositórios virtuais foi uma condição necessária para a realização de nossa formação profissional. No primeiro caso, porque o financiamento da pesquisa não possibilitava a realização de todas as viagens necessárias para a consulta dos acervos. No segundo, porque o fechamento das instituições de salvaguarda da memória, causado pela pandemia de Covid-19, nos levou a concentrar esforços em buscas por fontes digitalizadas e disponíveis em repositórios virtuais.

Apesar disso, infelizmente, nos enquadrámos no caso apontado por Eric Brasil e Fernando Nascimento, mencionados anteriormente. Não dedicamos espaços em

nossos trabalhos sobre essas condições das pesquisas. Avaliamos que isso se deveu à impressão que tínhamos, à época, que os trabalhos seguiam o modelo tradicional das pesquisas historiográficas. Mas hoje percebemos que não. Isso nos permite apresentar um segundo impacto que a digitalização de acervos e a pesquisa em ambientes virtuais e com fontes digitalizadas gera sobre o trabalho dos historiadores: alterações na experiência de pesquisa.

Permanece, no imaginário social, a figura do historiador como um ser solitário, imerso em arquivos, bibliotecas ou outras instituições, analisando maços infindáveis de fontes em busca de informações. De fato, a experiência de pesquisa em repositórios físicos marcou a trajetória de um incontável número de historiadores até tempos muito recentes. Contudo, o advento da *internet* e da digitalização de acervos tenderá a fazer desaparecer das mentes das pessoas esse estereótipo de historiador. A expressão “rato de arquivo”, amplamente conhecida entre os profissionais da área, está deixando de fazer sentido. Mas talvez o estereótipo do pesquisador solitário permaneça no imaginário social, mas com a imagem do profissional isolado em seu gabinete de trabalho, diante da tela de um computador.

A pesquisa em repositório físicos é permeada por uma série de especificidades que são quase impossíveis de serem reproduzidas nos ambientes virtuais. Não é mais preciso entender certos pormenores da forma de organização de maços de fontes nos arquivos. Tampouco depender dos horários de funcionamento das instituições, da utilização de câmeras fotográficas para digitalizar os materiais encontrados, nem consultar previamente os catálogos para agendar a disponibilização de maços de fontes. Sobretudo, não é mais necessário cair nas graças de um atendente para facilitar o acesso aos materiais.

Contudo, novas especificidades de pesquisa surgiram. Uma delas, como apontou Mariana Flores (2015), é a necessidade de os pesquisadores adquirirem conhecimentos mínimos de informática e da utilização de *softwares* como os de criação de bancos de dados. Por exemplo, se pode utilizar um editor de imagens para alterar propriedades de uma fotografia, como brilho e contraste, realçando, assim, elementos específicos para

melhor analisar a cena contida na foto. Também é possível usar diferentes programas de computadores para a criação de bancos de dados, desde aqueles que utilizam imagens (Tropy), até os que aceitam apenas informações textuais (Excel e Access). Isso nos remete a outro impacto importante das novas condições da pesquisa historiográfica: o desenvolvimento de novas metodologias de trabalho.

A quantidade de fontes que os historiadores conseguem reunir em acervos digitalizados possibilita a construção de extensos bancos de dados. Contribui para isso o fato de os repositórios virtuais, geralmente, disponibilizarem ferramentas de busca onomástica para a consulta das fontes. Esses instrumentos agrupam todas as fontes disponíveis com o termo buscado no repositório. À primeira vista isso parecer uma vantagem, mas a situação gera grandes dificuldades de sistematização das informações.

As formas como os bancos de dados são construídas (criação de categorias, termos para vinculação das fontes, entre outros) não mudou. Tudo continua dependendo da forma como o pesquisador entende ser mais útil para organizar suas informações. O que mudou foram as ferramentas utilizadas para isso.

Outro elemento que deve ser apontado é que muitas instituições, quando digitalizam fontes escritas, como jornais, revistas, livros, manuscritos, entre outras, utilizam *softwares* OCR (Optical Character Recognition). Esse tipo de programa interpreta individualmente cada letra na versão impressa, convertendo-a para um caractere codificado na versão digital. Muitas vezes, as condições da fonte, tais como esmaecimento da cor, borrões de tinta, desgaste de manuseio, ou a própria forma de escrita, entre outros, fazem com que as ferramentas de busca onomástica não encontrem corretamente o termo buscado e os pesquisadores precisam lidar com situações como essas.

Questões como essas obrigam os pesquisadores a desenvolverem metodologias de pesquisa específicas para serem aplicadas aos repositórios virtuais. É importante destacar que procedimentos clássicos do método historiográfico, tais como a crítica das fontes e o cruzamento das informações, não se modificaram. Contudo, as novas possibilidades abertas pela digitalização das fontes, sua disponibilização *online*, o

desenvolvimento de ferramentas de busca textual e aplicativos de análise computadorizada têm impacto ainda não conclusivo e estimulante no trabalho hermenêutico do historiador (BRASIL; NASCIMENTO, 2020).

Por fim, outro impacto importante a ser considerado se refere à própria condição da fonte digitalizada. Como dito anteriormente, a digitalização produz, efetivamente, uma cópia da fonte original e isso gera certas implicações. Um documento de texto é convertido em uma série de linhas de códigos, as fotos são repartidas em uma grade de *pixels*. Um áudio é transposto para diferentes comprimentos de ondas do espectro eletromagnético (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 201).

Ainda conforme Eric Brasil e Fernando Nascimento,

Quando um registro histórico — seja ele um manuscrito, uma carta, uma edição de jornal, uma foto, um livro etc. — converte-se, por meio de algum processo computacional, em um documento digital, ocorre aí uma mudança que dificilmente poderia ser considerada trivial. Apesar de a informação contida na fonte continuar “sendo a mesma” — no sentido de que a digitalização não alteraria substancialmente o conteúdo do registro histórico —, podemos dizer que a modificação na “materialidade” da fonte histórica nos conduz, inevitavelmente, a uma nova condição em relação ao modo de lidarmos com a informação ali contida. (BRASIL; NASCIMENTO, 2020, p. 201)

Embora certos aspectos organolépticos das fontes possam ser perdidos durante a digitalização, a fonte em si não perde a sua condição de fonte. O que pode ocorrer é que a perda desses aspectos pode gerar novas possibilidades de leitura e interpretação das fontes. Nesse sentido, como apontou Fábio Chang de Almeida (2011), uma fonte digitalizada é um material tão válido para a pesquisa historiográfica quanto a sua versão original.

Como se pode observar, a digitalização de acervos e a sua disponibilização em repositórios virtuais de livre acesso tem modificado a forma como historiadores tem produzido suas pesquisas. E é preciso refletir sobre esse panorama. Sobretudo, é importante ter em mente que o processo de digitalização dos acervos das instituições de salvaguarda da memória é uma tendência que dificilmente será revertida.

Especialmente, devido ao seu caráter democratizante da memória social que esse processo representa. Por isso, muitos projetos que visam a criação de repositórios virtuais estão sendo desenvolvidos.

É dentro desse contexto que apresentamos aqui o Centro de Documentação e Pesquisa do Sul da Bahia.

O Centro de Documentação e Pesquisa Memórias do Sul da Bahia

O Centro de Documentação e Pesquisa Memórias do Sul da Bahia (CDPMSB) é um projeto coordenado pelo Grupo de Pesquisa Memórias do Sul da Bahia, do Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Sul da Bahia (CFCHS-UFSB)⁷. Seu principal objetivo é constituir um repositório digital que proporcione o acesso a fontes históricas, etnográficas, linguísticas, jurídicas, entre outras, para fomentar o desenvolvimento de pesquisas sobre diversos temas da história, sociedade e cultura da região do Sul da Bahia. O CDPMSB foi oficialmente lançado em 2021 e se encontra em etapa inicial de desenvolvimento, mas já está disponível para a consulta⁸.



Imagem 1: Página inicial do site do CDPMSB. **Fonte:** Memoria Sul Bahia – Memoria Sul Bahia

⁷ O projeto foi criado e é dirigido pelo professor Pablo Antunha Barbosa.

⁸ O repositório pode ser consultado no site Memoria Sul Bahia – Memoria Sul Bahia.

O site do CDPMSB foi criado em *WordPress*, um sistema de gestão de conteúdos para a *internet* de livre acesso e de código aberto. A expressão “código aberto” se refere a um modelo de produção descentralizado que permite a qualquer pessoa modificar e compartilhar tecnologias. Para a composição das coleções de fontes se utiliza o *Tainacan*, um *plugin* desenvolvido em 2014 por pesquisadores da Universidade Federal de Goiás. Os *plugins*, por sua vez, são adições ou alterações de *software* que possibilitam a personalização de programas de computadores, aplicativos, navegadores de *internet* e de conteúdos oferecidos por *sites*.

O projeto do CDPMSB surgiu a partir da constatação de que uma das grandes dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores que se propõem a estudar a região do Sul da Bahia é a dificuldade de obterem fontes que lhes permitam desenvolver seus trabalhos. Em Porto Seguro, local onde está instalado o CFCHS-UFSB, *campus* Sosígenes Costa, bem como nas áreas adjacentes, não existem grandes instituições de salvaguarda da memória. De forma geral, se pode afirmar que a região enfrenta um problema crônico de conservação de sua memória social.

Contribui para isso, o fato de que a montagem de arquivos públicos, bibliotecas e museus requer grandes quantidades de investimentos financeiros e interesse político. Aparentemente, a região carece das duas coisas. Foi a partir da constatação desse panorama que surgiu a proposta do CDPMSB. Para contornar questão dos grandes investimentos financeiros, que se pensou na criação de um repositório de fontes digitais, que exigem menos recursos, tanto financeiros, quanto humanos.

Inicialmente, o projeto recebeu um financiamento do *British Museum*, por meio do *Santo Domingo Center of Excellence for Latin American Research* (SDCELAR), que permitiu a criação do site e contratação do servidor para o arquivamento das fontes. O recurso permitiu a contratação de profissionais para a criação do site e do servidor que hospeda as fontes. Em seguida, foi reunida a equipe de trabalho que está ajudando a montar o repositório.

As fontes disponibilizadas no repositório do CDPMSB são apresentadas em diversos suportes, tais como textual, imagético, cartográfico, audiovisual, entre outros.

Tratam-se de fontes digitais, divididas em dois grupos: fontes primárias digitalizadas e fontes primárias digitais. Como apontou Fábio Chang de Almeida (2011), as fontes primárias digitalizadas são aquelas que existem em um suporte primário não digital, tais como manuscritos, jornais, cartazes, entre outros, mas que ao passarem por um processo de dataficação se tornam fontes digitais. As fontes primárias digitais, por sua vez, são aquelas que não existem em um suporte que não seja o digital, como os conteúdos audiovisuais, tais documentários, podcasts, entre outros.

As fontes do CDPMSB são obtidas, principalmente, de duas formas: 1) adquiridas em outros repositórios; 2) disponibilizadas dos acervos pessoais dos próprios pesquisadores do projeto. Por meio da primeira forma, as fontes são garimpadas em diversos arquivos e incorporadas ao repositório do CDPMSB, com a devida indicação da procedência e informações cadastrais. Por meio da segunda forma, os próprios pesquisadores que integram a equipe do projeto cedem fontes de seus repositórios pessoais para alimentar o CDPMSB. Existe, ainda, uma terceira forma, que será abordada mais adiante.

Devido à natureza multidisciplinar do projeto, o conceito de fontes utilizadas pelos pesquisadores do CDPMSB é bem amplo. Todos os tipos de registros de atividades humanas são tomados como fontes, independentemente do seu tempo ou modo de produção. Como apontou Juan Andrés Bresciano (2015), a diversidade tipológica das fontes reflete a complexidade crescente do desenvolvimento histórico. À medida que se sucedem ou acumulam diversas modalidades de registrar, armazenar e difundir as informações, os vestígios das ações humanas adotam formas cada vez mais sofisticadas (BRESCIANO, 2015).

Nesse sentido, não importa se a fonte é um cartaz, uma edição de um periódico, uma obra de arte produzida por algum grupo indígena, um vídeo de uma manifestação cultural ocorrida recentemente ou um manuscrito produzido por algum colono português no Brasil, há 300 anos. Tampouco se a fonte é primária digitalizada ou primariamente digital. O que interessa ao projeto do CDPMSB é o potencial que essas fontes apresentam para o desenvolvimento de pesquisas sobre a região.

O acervo do CDPMSB é organizado em Coleções Temáticas, coordenadas pelos pesquisadores que integram a equipe do projeto. A equipe é composta por profissionais de diversas áreas de conhecimento, como a Antropologia, a História, o Direito, as Ciências Sociais, entre outras. É a heterogeneidade da equipe que confere ao CDPMSB um caráter multidisciplinar. Dessa forma, os títulos das Coleções Temáticas refletem os temas de pesquisa ou as áreas de interesse de seus coordenadores e determinam o tipo de geral de fontes que as compõem.

Cada Coleção Temática compõe um fundo do acervo do repositório. São os próprios coordenadores que cadastram as fontes de suas coleções. Até o momento, o CDPMSB conta com 11 coleções, como se pode observar na imagem abaixo, mas o número pode aumentar, à medida que novos pesquisadores se integrem ao projeto. Cada uma delas pode agrupar sub-coleções e essa ramificação permite aos pesquisadores criarem fundos específicos dentro de suas coleções.

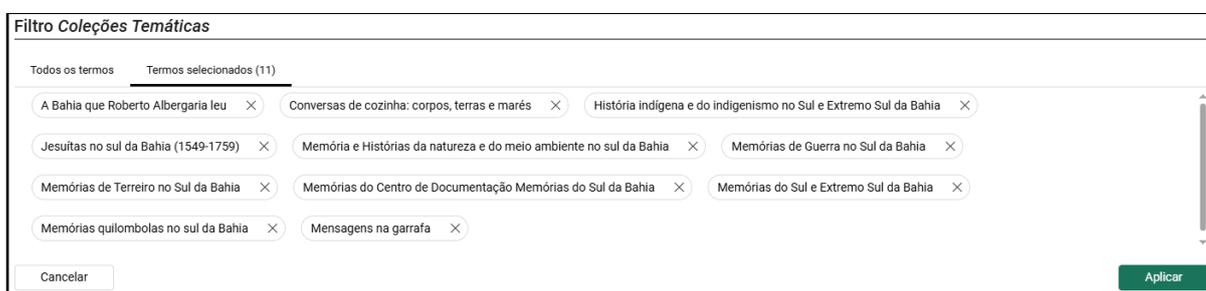


Imagem 2: Coleções Temáticas do CDPMSB. **Fonte:** Memoria Sul Bahia – Memoria Sul Bahia

Um exemplo disso é a Coleção Temática “Memórias de Guerra no Sul da Bahia”, de nossa responsabilidade. A coleção, que está em construção, visa reunir vários tipos de fontes que possibilite o desenvolvimento de pesquisas sobre a História Militar da região, nos diversos períodos da história brasileira. Até o momento, a coleção se ramifica em três sub-coleções.

A primeira sub-coleção, intitulada “Boletim Oficial Município de Belmonte”, é dedicada às edições do periódico que possuem matérias ligadas à Segunda Guerra Mundial. O periódico, publicado entre as décadas de 1930 e 1990, foi durante muito

tempo uma das mais importantes fontes de informações sobre diversos aspectos da sociedade, política, cultura e história da região. No período da guerra, o “Boletim Oficial” foi o principal meio através do qual as pessoas da região podiam ter acesso às informações sobre o conflito e sobre as políticas beligerantes brasileiras (Cf. SILVA, 2020, p. 133-147).

A segunda sub-coleção se dedica a agrupar fontes específicas sobre os soldados destacados para a defesa do litoral da região, entre 1943 e 1944. Como os contingentes eram compostos por unidades militares provenientes do estado de Minas Gerais, os soldados foram consagrados no imaginário social da região como “soldados mineiros” e daí se deriva o nome da sub-coleção. São, especificamente, fotografias.

A terceira, é composta unicamente por uma série de cartas produzidas pelo soldado Francisco Marino Modesto. Por isso, a sub-coleção leva seu nome. Francisco Modesto foi um dos soldados mineiros que estiveram na região e produziu uma série de cartas, nas quais descreveu uma série de elementos da sociedade local e suas experiências no período da guerra.



Imagem 3. Sub-coleções da Coleção Temática Memórias de Guerra do Sul da Bahia. **Fonte:** Memória Sul Bahia – Memória Sul Bahia

As fontes do acervo do CDPMSB podem ser cadastradas em mais de uma Coleção Temática ao mesmo tempo, caso a fonte permita a interconexão. Esse mecanismo possibilita aos coordenadores das Coleções Temáticas inter-relacionarem suas coleções. Isso pode facilitar o trabalho dos pesquisadores que realizam buscas no

repositório, na medida em que isso pode contribuir para ampliar suas perspectivas analíticas.

Dentro do CDPMSB, as informações são organizadas de forma hierárquica. No topo da hierarquia estão as Coleções Temáticas e a partir delas são agrupados os metadados que identificam e referenciam as fontes. Essas informações são agrupadas conforme taxonomias (as categorias de classificação) previamente inseridas no formulário de cadastramento das fontes.

Dentro de cada Coleção Temática, as informações são cadastradas conforme a tipologia das fontes (textual, audiovisual, cartográfica, imagética, palavras-chave, entre outras). No momento do cadastro, após a escolha da tipologia, uma cadeia de taxonomias é apresentada, tais como autoria, local de produção, locais citados na fonte, etnia, idioma, matéria-prima da fonte, entre outras. Para facilitar o cadastro, ao ser escolhida a tipologia, são abertos apenas os campos taxonômicos a ela relacionados. Por exemplo, ao se escolher o tipo “textual”, abre-se um campo para especificar se é um manuscrito, uma lei, uma matéria de periódico, entre outras. Mas não se abre o campo “matéria-prima”, que é exclusivo para fontes materiais. É a partir das taxonomias que a ferramenta de busca do *site* do repositório seleciona as fontes e as apresenta aos pesquisadores.

Assim como na maioria dos repositórios de fontes digitais, no CDPMSB as pesquisas são realizadas por meio de uma ferramenta de busca onomástica. Por isso, é preciso muita atenção à escolha das taxonomias utilizadas para cadastrar as fontes. E, embora haja taxonomias previamente cadastradas pela direção do projeto, os pesquisadores poder incluir novas, caso a fonte cadastrada exija.

Ao navegarem pelo site do CDPMSB, os pesquisadores podem inserir um termo na guia de busca e a seleciona as fontes cadastradas com o termo inserido na guia. Para refinar as pesquisas, os usuários podem selecionar filtros, listados abaixo da guia de busca. Os pesquisadores podem, também, navegar por uma Coleção Temática específica e visualizar todas as fontes que estão cadastradas nelas.

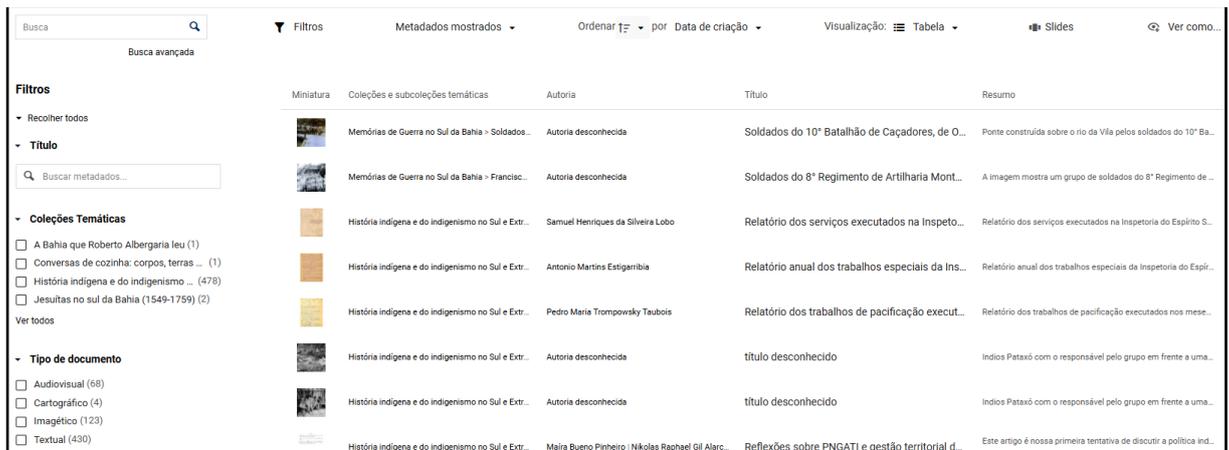


Imagem 4: Guia de busca e filtros do CDPMSB. **Fonte:** Memória Sul Bahia – Memória Sul Bahia

Como recursos adicionais, na página de busca é possível alterar o modo de visualização das fontes conforme a conveniência do pesquisador e escolher a ordem cronológica de cadastramento das fontes. Por meio do primeiro, os pesquisadores podem escolher se as fontes são apresentadas em lista, tabela, ficha, ou outra forma. Esse recurso, embora pareça pouco relevante, pois se refere mais à configuração visual do site, pode auxiliar os pesquisadores em suas buscas, na medida em que diferentes modos de visualização podem apresentar diferentes detalhes sobre as fontes. O segundo recurso também pode ser interessante, porque caso seja encontrada uma fonte de interesse, os pesquisadores podem verificar se outras fontes foram cadastradas no mesmo período, ampliando assim a possibilidade de reunir materiais sobre o tema buscado.

Recursos como os apresentados são um reflexo dos impactos gerados sobre as pesquisas pelo processo de digitalização dos acervos e sua disponibilização em repositórios virtuais. Nesse sentido, o CDPMSB é uma iniciativa que se preocupa com as novas realidades de pesquisa. Sobretudo, o projeto tenta oferecer aos pesquisadores ferramentas que proporcionem múltiplas experiências de pesquisa.

No entanto, deve-se destacar que o CDPMSB ainda possui uma série de limitações. Uma muito importante e não utiliza *softwares* de OCR. Isso significa que, no caso das fontes escritas, os pesquisadores ainda não podem refinar suas buscas

procurando palavras específicas dentro das fontes encontradas. Como dito anteriormente, o repositório ainda se encontra em etapa inicial de desenvolvimento e, com o passar do tempo, novas tecnologias serão acrescentadas ao projeto.

Também é importante destacar que o CDPMSB visa se tornar uma ferramenta comunitária. Nesse sentido, o projeto oferece às pessoas da região do Sul da Bahia a possibilidade de enviarem elas mesmas materiais para comporem as Coleções Temáticas do repositório. Dessa forma, qualquer pessoa que possua acervos particulares e desejam compartilhá-los pode, por meio de um formulário disponibilizado no *site* do CDPMSB, enviar fontes. Os materiais enviados pelas pessoas da região são avaliadas previamente pela direção do projeto e, se atenderem todos os requisitos de cadastro, serão integradas a alguma das Coleções do repositório.

Cadastre seu documento aqui

Nesta página, você pode cadastrar os documentos (textos, imagens, vídeos, mapas, entrevistas, etc.) que você tiver e quiser compartilhar. Para isso, basta você preencher os campos no formulário de submissão abaixo, seguindo as instruções que aparecem nas caixas de diálogo.

Em caso de dúvida, você também pode entrar em contato com a gente através do email contato@memoriasulbahia.com.br

Documento principal

Arquivo Texto simples URL

Thumbnail (Miniatura)

Uma miniatura será automaticamente gerada a partir do arquivo do documento submetido

Enviar uma miniatura personalizada

Anexos

Imagem 5: Campo de envio de fontes para o CDPMSB. **Fonte:** Memoria Sul Bahia – Memoria Sul Bahia

Por fim, o CDPMSB disponibiliza um banco de *links*. Por meio deles, os usuários podem acessar *sites* de exposições virtuais, bancos de periódicos informativos e científicos, entre outros. Podem, também, acessar projetos parceiros do Grupo de Pesquisa Memórias do Sul da Bahia.

Como apontou Pierre Nora, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p. 9). Iniciativas como o CDPMSB

representam uma tentativa de enraizamento da memória social do Sul da Bahia, uma região que, como dito anteriormente, carece de instituições de salvaguarda da memória. Sobretudo, o CDPMSB é um projeto que está na vanguarda da tendência atual de conservação e disponibilização de acervos e tem o potencial de se transformar em uma grande referência para o Sul da Bahia no que tange à conservação da memória social. Mas ainda há muito trabalho a ser feito.

Considerações finais

A constituição de acervos de fontes digitais é uma tendência que veio para ficar. Ao menos é isso que sugerem os projetos de digitalização de acervos levados à cabo por instituições de salvaguarda da memória de diversos países. Sobretudo, pelo seu caráter de democratização do acesso de pesquisadores das mais diversas áreas de conhecimento às fontes que necessitam para a realização de seus trabalhos. Além disso, a digitalização de fontes representa uma forma importante de conservação dos acervos de arquivos, museus, bibliotecas, entre outras.

E existe uma série de vantagens desse processo. Entre elas, a preservação dos formatos primários das fontes e a economia de recursos das instituições de salvaguarda da memória. Entretanto, é importante destacar que o processo de digitalização de acervos não pode ser seguido da extinção dos repositórios físicos.

Sobretudo, porque os acervos digitalizados, por mais que estejam conservados em servidores de computadores, em certa medida, são frágeis. Os sites podem ser retirados do ar, podem ser atacados por *hackers*, os *sites* podem ser tirados do ar por falta de recursos para sua manutenção e a própria rede mundial de computadores está sujeita a fenômenos naturais que podem derrubá-la. E mesmo guerras, pois potências bélicas como os Estados Unidos e a Rússia possuem armas antissatélites. Por isso, as instituições de conservação da memória precisam manter acervos físicos.

Também é importante apontar que as fontes digitalizadas não perdem a sua condição de fonte pelo fato de terem passado por um processo de dataficação. Mas pesquisar em fontes digitalizadas não é o mesmo que pesquisar em fontes físicas.

Ambos os tipos de fontes possibilitam diferentes experiências de pesquisa, devido às suas especificidades e às especificidades dos repositórios onde estão armazenadas. O trabalho com fontes digitalizadas exige certos conhecimentos de informática e o desenvolvimento de uma hermenêutica adaptada a esse tipo de fonte. Como apontaram Juan Andrés Bresciano e Tiago Gil (2015), as formas pelas quais o conhecimento histórico se origina, evolui e se difunde, e se encontra intimamente ligadas às possibilidades e limitações de cada etapa do desenvolvimento humano.

A criação de repositórios virtuais de fontes digitalizadas é especialmente importante em regiões onde não existem grandes instituições de salvaguarda da memória, como o Sul da Bahia. É nesse contexto, o CDPMSB ganha relevância. Embora o projeto ainda esteja em etapa inicial, e é por isso que ainda apresenta algumas limitações, é possível que ele se constitua como um importante repositório da memória social do Sul da Bahia e impulse o desenvolvimento de pesquisas sobre a região.

E é importante destacar que o CDPMSB não é uma iniciativa isolada. Recentemente, a Biblioteca Sosígenes Costa, de Belmonte, um dos municípios da região, disponibilizou em seu *site* a sua coleção do periódico “Boletim Oficial Município de Belmonte”⁹. Iniciativas como o CDPMSB e a biblioteca virtual Sosígenes Costa indicam que parece existir um desejo latente na população da região de salvaguardar sua memória.

⁹ Ver: Biblioteca Sosígenes Costa (google.com).

Referências

- ALMEIDA, F. C. de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos*, v. 3, n. 8, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776>. Acesso em: 13 abr. 2024.
- BELLOTTO, H. L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.
- BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. In: *Estudos Históricos Rio de Janeiro*, vol 33, nº 69, p. 200-219, Janeiro-Abril 2020, p. 196-219.
- BRESCIANO, Juan Andrés; GIL, Tiago Gil (compiladores). *La historiografía ante el giro digital. Reflexiones teóricas y prácticas metodológicas*. Ediciones Cruz Del Sur, 2015 (e-Book).
- BRESCIANO, Juan Andrés. Los estudios históricos en la sociedad de la información. In: BRESCIANO, Juan Andrés; GIL, Tiago Gil (compiladores). *La historiografía ante el giro digital. Reflexiones teóricas y prácticas metodológicas*. Ediciones Cruz Del Sur, 2015 (e-Book).
- CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (Conarq). *Recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes*. S.l.: Conarq, abril 2010. 28p.
- DOURADO, Stella, MEDEIROS, Ana Ligia Silva Medeiros. O livro digital como forma de democratização do acesso ao conhecimento e a cultura. Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 18. Anais... Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/trabalhos/index.php/sn_20_bu_14/sn_20_bu_14/paper/view/555>. Acesso em: 30 mai. 2024.
- FLORES, Maria Flores da Cunha. Os bancos de dados, os arquivos digitais e o papel do historiador. *Acervo*, rio de janeiro, v. 28, n. 2, p. 240-251, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/632>. Acesso em: 14 de abr. 2024.
- GARCIA, Joana Coeli R.; SOUSA, Marckson R. F. Cultura digital: odisséia da tecnologia e da ciência. In: *Em Questão*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 77-91, jul. /dez. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/22252>>. Acesso em: 24 mai. 2024.
- LOMBARDERO, Pablo Folgueira Lombardero; MÉNDEZ, Miguel Menéndez. Las fuentes secundarias para el historiador: una reflexión a partir de lo digital y lo literario.

Tiempo y Sociedad, 21 (2015), pp. 159-176. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es › articulo>. Acesso em: 30 mai. 2024.

MEDEIROS, Ana Ligia Silva. Democratizando o acesso aos jornais raros: o uso da tecnologia a serviço da pesquisa. *Verbo de Minas*, Juiz de Fora, v. 18, n. 31, p. 65-77, jan./jul. 2017. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/12864/114116053>. Acesso em: 19 mai. 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História* v. 10, São Paulo, dez. 1993, p. 7-28.

NUNES, Nei Antonio *et al.* A microfilmagem de documentos da Universidade Federal de Santa Catarina: uma análise sobre práticas e normativas arquivísticas. *Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL*, vol. 10, núm. 3, p. 228-247, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2017v10n3p228>. Acesso em: 27 mai. 2024.

SILVA, Tharles S. “*Não adiantou, nós vencemos*”: a Segunda Guerra Mundial no Extremo Sul da Bahia. Tese (Doutorado em Estado e Sociedade). Universidade Federal do Sul da Bahia-UFSB, Porto Seguro, 2022.

Recebido em abril de 2024
Aceito em agosto de 2024